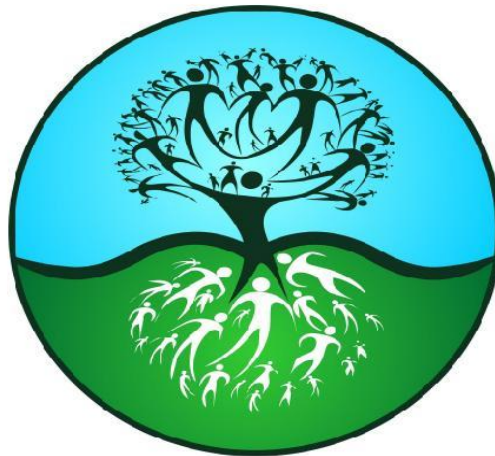




PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Cotriguaçu

16 a 25 de outubro de 2018

Equipe ONF Brasil:

Diretora

Estelle Dugachard

Coordenador do Programa de Integração Local

Saulo Magnani Thomas

Coordenadora do programa de Educação Ambiental

Lótus Reuben

Equipe de educadores:

Micheli Sierra

Veridiana Vieira

Lótus Reuben

Saulo Magnani Thomas

“O ser humano é apenas parte de um sistema inteligente. ”

Ernst Gotsch

*“A educação não transforma o mundo, a educação transforma as pessoas,
as pessoas transformam o mundo”*

Paulo Freire

*“Em realidade, na escola não devemos aprender para saber, mas devemos
aprender para sempre podermos aprender com a vida.”*

Rudolf Steiner

*Princípios da Educação Democrática: "O primeiro é a autogestão. As
pessoas que participam de uma experiência de Educação Democrática são
responsáveis por ela.*

*O segundo é o prazer do conhecimento. Acredita-se que o conhecimento
traz alegria, prazer, e por isso as pessoas se envolvem com ele, não sendo
necessárias punições ou disciplinas.*

*E o terceiro é que não há hierarquia no conhecimento. O conhecimento
científico, o conhecimento acadêmico, o conhecimento comunitário, o
conhecimento tradicional, o conhecimento religioso, todos os
conhecimentos são valorizados, respeitados e crescem justamente no seu
contato."*

Helena Singer

Programa de Educação Ambiental (PEA) 2018

A proposta de 2018 foi elaborada com base nas sugestões de melhoria apresentadas ao final dos relatórios do PEA dos últimos anos (2014-2017), juntando sugestões apresentadas pelo coordenador de Integração local Saulo M. Thomas e pela diretora da ONF Brasil Estelle Dugachard. O presente relatório tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas, assim como trazer as opiniões dos participantes e algumas fotos dos momentos vividos.

Tema do ano: Bens Comuns

Os Bens Comuns são a água, a terra, o ar e tudo que provém de forma gratuita do Planeta para os seres que o habitam e que numa troca sintrópica, permite que serviços ambientais sejam perenes e renovados mesmo com a extração e utilização de parte desses recursos e serviços. Criar e aplicar estratégias pedagógicas culturais e políticas que promovam o cuidado com os bens comuns a conexão com a natureza consigo mesmo e com o futuro, ou seja, promover a cultura dos bens comuns como uma nova visão de mundo através de ações e exemplos locais que inspirem o mundo a compartilhar com amor e cuidado as relações humanas os bens comuns e o futuro das próximas gerações. São bens necessários para nossa existência e que a partir da nossa organização local e de acordo com a forma que nos corresponsabilizamos de maneira autônoma, compartilhamos o acesso e benefícios, com o outro. O próprio planeta Terra, as fontes de alimento, e os serviços ambientais.



Sobre a ONF Brasil

A ONF Brasil é uma empresa florestal brasileira, filial da ONF International, uma companhia do grupo ONF - Office National des Forêts, com vários séculos de experiência em manejo florestal; manejo de 12.5 milhões de hectares de florestas no mundo; escritórios permanentes em 10 países; atividades em 60 países.

Há 20 anos em parceria com a Peugeot busca conciliar, um projeto piloto de reflorestamento para sequestro de carbono “Poço de carbono Peugeot-ONF” no noroeste do estado de Mato Grosso (Fazenda São Nicolau, de 10.000 ha com 1.800 ha de plantações realizadas em terrenos de pastagem antiga e 7.200 ha de floresta natural), com pesquisas científicas buscando a gestão sustentável dos territórios rurais da Amazônia Legal. Maiores detalhes sobre as atividades da ONF Brasil poderão ser consultados em www.reflorestamentoeicarbono.com.br

Sobre o Programa de Educação Ambiental

O Programa de Educação Ambiental da ONF Brasil vem sendo reconhecido regionalmente como importante espaço de construção de conhecimento, desempenhando o papel de divulgar as pesquisas, trabalhos e projetos desenvolvidos pela ONFB e seus parceiros, nos territórios da Amazônia e na Fazenda São Nicolau (FSN), local amplamente conhecido no mundo acadêmico, como palco de relevantes pesquisas científicas acerca da biodiversidade, tecendo parcerias importantes entre cientistas e servindo como base de apoio para diversas instituições que pesquisam a Amazônia. O PEA é a porta de entrada para que as pessoas do entorno tenham oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido pela ONFB, serve como ponte entre a comunidade científica e a comunidade local.

Desde 2017 houveram mudanças na gestão e que possibilitaram um grande avanço nas práticas da Fazenda São Nicolau no que se refere a gestão de pessoas e do espaço da FSN.

Entre os resultados, destacamos a redução de desperdícios, otimização de recursos, fortalecimento das redes de economia local de produtos da sociobiodiversidade, acesso a boas práticas de agricultura, ocupação do solo e consequente contribuição para a manutenção da floresta.

A implantação da horta e da roça agroflorestal na FSN possibilitaram produção local de hortaliças, legumes e frutas sem veneno, que são consumidos pelos funcionários e por todos os visitantes.

O recém inaugurado círculo de bananeiras com descarte de água da cozinha (cerca de 5 mil litros por dia), reutiliza a água para produção de banana, inhame e flores.

A composteira que funcionou durante o ano de 2017, num modelo que tínhamos que era bem didático para o PEA foi mudado para um menos dispendioso de mão de obra. Utilizamos o material da compostagem na horta agroflorestal, e a estrutura se quebrou neste movimento. Mas a compostagem continuou tanto na roça quanto em outro local mais distante da cozinha, e é de fundamental importância que seja reativada e que tenha uma formação específica com os funcionários a composteira, para que percebam a relevância dessa ferramenta. Identificamos que precisa ter um responsável por fazer essa ponte entre a cozinha e a composteira, pois fica muito pesado carregar os resíduos orgânicos até a composteira e as cozinheiras tem dificuldade de fazer isso. Outra necessidade identificada é ter alguém responsável por cobrir os resíduos com folhas secas.

Como funciona o PEA

Desde 2001 o projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot– ONF desenvolve um programa de educação ambiental no noroeste de Mato Grosso, envolvendo estudantes, professores, gestores, agricultores e outros profissionais, moradores dessa região Amazônica.

A cada ano escolhemos um tema gerador, de onde tecemos a programação, já tivemos em anos anteriores: ***Queimadas, Água e Agrotóxicos***, e agora **Bens Comuns**, apresentando alternativas ao uso de venenos na agricultura, assim como soluções extrativistas para geração de renda, contenção do desmatamento e reflorestamento. Tivemos um enfoque na nossa fala sobre as áreas de preservação permanente (APPs) e as RPPNs tudo foi permeado pelo tema gerador do ano, Bens Comuns, dando enfoque às Unidades de Conservação como espaço coletivo de cuidado, garantindo vários serviços ambientais para as futuras gerações.

Neste ano recebemos entre 25 e 32 estudantes por dia e realizamos a trilha interpretativa e sensitrilha (trilha com atividades sensoriais), rodas de conversa, dinâmicas, filmes, palestras, atividades artísticas, plantios e avaliações em grupo.

Apresentamos o espetáculo de teatro “A Benzeção da Terra”, que aborda de forma lúdica os conceitos trabalhados com as turmas das escolas e dessa forma levamos cultura e arte, aliados à práticas agroecológicas e valorização de saberes tradicionais. Nesse ano tivemos a experiência de apresentar para o público da Escola Pequeno Cidadão e para os indígenas na Aldeia Babaçuzal.

Realizamos intercâmbio com os indígenas da etnia Rikbaktsá, enfatizando boas práticas de ocupação territorial na Amazônia, por meio do teatro. O objetivo maior de ter visitado a Terra Indígena do Escondido foi se aproximar, para entender como envolvê-los nos próximos anos do PEA.

Em anos anteriores experimentamos realizar plantios agroflorestais nas escolas, assim como oficinas de fotografia. Por motivos de logística, percebemos que o melhor é

continuar realizando atividades na FSN onde podemos observar o crescimento dos plantios agroflorestais e outras boas práticas de ocupação do território.

Metodologia

O cronograma tem base nos seis objetivos indicativos para a E.A. na Carta de Belgrado, são eles: conscientização, conhecimento, comportamento, competência, participação e capacidade de avaliação.

A atual proposta da equipe de educação ambiental está amparada na **educação popular embasada por conceitos de Paulo Freire** e elementos da **Antroposofia de Rudolf Steiner**, que, agregadas com a **Educação Democrática** praticadas por **José Pacheco, Helena Singer** e outros pensadores, visam uma educação coletiva e vinculada ao movimento mais amplo de transformação social e autoconhecimento, adaptando o conteúdo às realidades locais singulares e considerando que todos têm potencial para contribuir no processo de construção do conhecimento.

O modo de ensinar abordado no PEA busca trazer os conhecimentos prévios dos participantes, promovendo um espaço de escuta e fala democrática, onde cada participante tem seu valor único, tem a possibilidade de expressar seus sentimentos, pensamentos, criatividade e conhecimentos acerca do mundo que os cerca. Nesse movimento dinâmico, os professores que os acompanham também participam e podem observar modos diferentes daqueles aos quais estão acostumados. Buscamos fazer o máximo de atividades ao ar livre e passar a maior parte do tempo em contato com a natureza. Olhar atento dos educadores e presença constante em todos os espaços. Educação feita com amor. Metodologia de “aprender fazendo” e de observação da natureza.

Metas Para 2018

- Atender 7 escolas nas visitas da FSN em cronograma já consolidado
- Atender os colaboradores da FSN
- Atender os participantes do projeto do MP – infratores
- Apresentação de teatro na escola a ser escolhida
- Fazer intercâmbio com indígenas

- Envolver os colaboradores como educadores do PEA

Período na FSN: 15 a 26 de outubro de 2018

Cerca de 380 pessoas participaram das atividades do PEA desse ano.

Escolas que participaram

Escola Estadual Sidney César Furh (Cotriguaçu)

Escola Municipal Maria da Gloria Vargas Uchôa (Cotriguaçu)

Escola Municipal Santa Maria (Cotriguaçu)

Escola Estadual Benício Trettel (Cotriguaçu)

Escola Estadual José Luiz Cândido (Nova Bandeirantes)

Escola Municipal 7 de Setembro (Agrovila)

Escola Pequeno Cidadão (Cotriguaçu)

Resumo dos dias de PEA

No primeiro dia de educação ambiental, dedicamos para a participação dos funcionários da Fazenda São Nicolau, momento muito esperado por todas as pessoas envolvidas. Alguns como a cozinheira Alaíde Xavier, que viu o programa nascendo há 16 anos e dessa vez foi possível sair da função de nutrir na cozinha para entender o entorno e o que esse grupo do Programa de Educação Ambiental vem fazer todos os anos. Além das atividades que são feitas com as crianças, tivemos a apresentação dos projetos que acontecem dentro da Fazenda e o que é a ONF dentro desse contexto.

Nos demais dias recebemos crianças de 9 a 13 anos, 6 escolas foram recebidas na Fazenda: Em média 30 crianças por dia e 3 a 5 professores das escolas, um motorista da rede municipal por dia e uma enfermeira em um dia. Fomos apresentar o espetáculo A Benzeção da Terra na escola Pequeno Cidadão, primeira vez atendendo crianças tão pequenas (3 a 7 anos). Tinham 100 crianças na plateia e cerca de 15 professoras e funcionárias.

No povo indígena Rikbaktsá, da Terra Indígena Escondido, Aldeia Babaçuzal, tivemos a participação de cerca de 8 homens, 10 mulheres e 12 crianças da Aldeia mais próxima de Cotriguaçu, e a equipe da ONF com 1 pesquisadora holandesa que pesquisa a Harpia, 1 pesquisadora de primatas, 1 pesquisador sobre manejo florestal, o gerente da Fazenda São Nicolau Alan Bernardes, e a equipe de educação ambiental: Lótus Reuben, coordenadora do PEA, Micheli Sierra, Veridiana Vieira, educadoras e Saulo Magnani Thomas, coordenador do Programa de Integração Local e educador.

O tema do ano foram os Bens Comuns, no primeiro momento do dia na roda de apresentação onde cada pessoa falava o nome, onde nasceu e respondia a pergunta: O que pra você é um Bem Comum? A cada dia tinham respostas diferentes como: As árvores, as florestas, a família, o campo de futebol, um pé de manga que todos podem comer manga e cuidar dele, as nascentes, o posto de saúde, poder brincar com os amigos, amor, amizade, poder ser feliz, respeito à diversidade, tomar banho de rio e de mar, fazer os amigos rirem com a própria "estranheza"...

Mostrar soluções já aplicadas na fazenda para uma ocupação sustentável em relação a recursos hídricos, resíduos sólidos, agricultura e reflorestamento. Informar as pessoas da região sobre os projetos desenvolvidos pela ONF Brasil, proporcionar uma vivência significativa com a floresta e despertar um olhar crítico sobre o ambiente que cerca os Amazônidas e o papel de cada pessoa para transformar sua própria realidade.

O que embasa as atividades são as ideias de Paulo Freire, práticas da antroposofia e da educação democrática; Aprender fazendo, a partir do contexto local, considerando todos os conhecimentos de igual valor, independentemente do nível de formação e as diferentes esferas do Ser, com um pensar, um sentir e um querer. Por meio de perguntas e dinâmicas, colocamos os participantes no centro do processo e eles constroem juntos os conceitos. "Educar é tirar de dentro".

No final de cada dia fizemos uma roda onde cada pessoa falou como se sentiu durante o dia, o que aprendeu, o que mais gostou e o que poderia melhorar.

Os funcionários destacaram que poderiam ter mais atividades do PEA para eles nos próximos anos. Uma frase do funcionário que todo mundo chama de Gigante, nos marcou muito: "Se toda aula fosse assim, eu já estava na faculdade faz tempo", se referindo as aulas práticas e dinâmicas, que fizeram o dia passar rápido, e aprender fazendo, observando e sentindo.

As atividades do PEA são uma extensão dos projetos desenvolvidos na FSN, na medida em que as pessoas se informam do que acontece, por meio do programa e podem replicar as boas práticas que a fazenda desenvolve. E também muitos participantes nunca tiveram contato com uma floresta nativa e com o Rio Juruena.

Durante os dias do PEA convivemos com turistas, guias especializados e com duas equipes de pesquisadores, um grupo pesquisador de besouros e borboletas e outro que pesquisa sobre manejo florestal.



16 de outubro – Educação Ambiental para colaboradores da FSN

Tivemos a participação das seguintes pessoas: Dejair, Antonio, Jaime, Waldinei, Francisco, Raíssa, Jucilene, Anderson, Isaque, Rosimeire, Alaíde e Emerson(?), Rolim e Maurício.



Esse dia de Educação Ambiental com os funcionários foi esperado ansiosamente por todos, a equipe do PEA se preparou para receber esses participantes tão importantes, que fazem parte da estrutura da FSN. Trazer mais clareza aos processos que eles fazem parte e que compõem os projetos da ONF. Integrando cada pessoa para poder trazer mais sentido ao fazer diário e entender o PEA por dentro.

Fizemos uma programação bem parecida com a que oferecemos para as escolas, com ênfase na apresentação sobre os trabalhos da ONF.



Buscamos seguir os horários de trabalho deles, respeitando o ritmo e pausas que estão acostumados.

Iniciamos com a apresentação, onde cada pessoa pôde se aproximar mais dos colegas de trabalho. Formamos duplas e eles tiveram que falar o nome, cidade onde nasceu e conversar sobre os Bens Comuns, tema do ano. Todos participaram, um pouco tímidos,

após a conversa em duplas abrimos a plenária e então fomos aquecendo a conversa, ficando mais à vontade, trazendo uma brincadeira de apresentar-se falando o nome do colega e então meio a risos, tudo ficou mais leve. Trouxeram exemplos sobre o rio, se todos preservarem as nascentes, as APPs, teremos um impacto positivo no ambiente, e ressaltaram que os pequenos proprietários cuidam e os grandes não cuidam, citaram exemplos de impunidade e de ter pesos diferentes para quem é desfavorecido economicamente.

Durante a trilha tiveram várias falas sobre as APPs que conhecem nos assentamentos e na FSN, e compartilharam muitas informações sobre plantas medicinais e alimentos da floresta.



Tivemos pausa para almoço e descanso e retomamos com uma atividade artística em trios e quartetos, uma pintura colaborativa, em silêncio, onde cada pessoa tinha uma cor de tinta e um pincel, e a cada rodada era permitido fazer alguns traços. Com isso cada pessoa foi colocando suas contribuições para um trabalho em equipe. Ao final fizemos uma colheita das falas e dos aprendizados, e destacamos aqui: “Ficar em silêncio foi difícil, a comunicação é muito importante pra fazer um bom trabalho”, “No começo quis fazer um outro desenho, mas no final o resultado foi bom”, “Respeitar o que o outro já fez e fazer a minha parte pra ter um bom trabalho do grupo”, “No nosso trabalho do dia a dia é bom comunicar o que estamos fazendo pra que a outra pessoa possa continuar ou não fazer o mesmo trabalho que já foi feito”, “Às vezes o trabalho do outro depende do que eu preciso fazer antes”. Com essa atividade trouxemos maior consciência aos trabalhos que desenvolvem em conjunto na fazenda e também puderam dar espaço pra arte, na fala de alguns deles, trouxe lembranças da infância de volta.

Após essa atividade, vimos a parte teórica de como funciona o círculo de bananeiras, com um desenho e explicação do sistema que filtra e aproveita as águas cinzas da cozinha. E em seguida fomos ver de perto as bananeiras, flores e inhames que estão

crescendo lá. Vimos também um ninho de pássaros em uma das bananeiras. Ao longo dos dias fomos introduzindo outras mudas no sistema e coletando sementes das flores.

Num horário bem quente do dia retornamos ao auditório para fazer a dinâmica das gerações. O primeiro grupo teve mais tempo e menor número de pessoas, e foram orientados a entrar na sala e pegar tudo que precisassem para sobreviver em uma ilha deserta. E assim foram entrando outros dois grupos, até se esgotarem os recursos. No início a tendência é buscar culpados e existe uma certa tensão ao perceber que todos os grupos pensaram somente em si, sem considerar as próximas gerações que viriam. O primeiro grupo conseguiu pegar água limpa, alimentos, sementes, ferramentas; o segundo grupo já tinha somente água suja, pouco alimento e algumas sementes; para o terceiro grupo sobrou somente lixo e água bem suja. A reflexão que fizeram quando falamos que o nome da ilha é Planeta Terra, é que precisam plantar mais e preservar as nascentes, as fontes de recursos hídricos em geral. E também que o último grupo não pensou em outra geração que poderia vir e extinguiram todos os recursos. Perceberam que ainda falta muito para alcançar um equilíbrio nas ações locais de ocupação do território e gestão de recursos.



Para mostrar que ainda temos caminhos possíveis, passamos o vídeo Agricultura Sintrópica (Life in Syntropy), que tem algumas pistas de como podemos mudar nossos padrões de comportamento em relação ao meio e mostra experiências exitosas de plantio agroflorestal. Em seguida uma roda de conversa sobre o que mais chamou a atenção e sobre o que é possível dentro do contexto de Cotriguaçu, pensando em redução de gastos, qualidade e diversificação de alimentos, e até geração de renda com os excedentes.

Em seguida passamos o vídeo do PEA de 2014 e uma apresentação sobre a ONF explicando os projetos que acontecem na FSN, incluindo pesquisas científicas e a projeção para o turismo.

Passamos então para o viveiro, vimos cada fase do plantio e explicamos porque estamos recuperando áreas, quais impactos positivos locais e globais acontecem ao preservar e recuperar áreas, quais as tentativas de consórcios já feitas anteriormente e o que está funcionando atualmente. Nesse momento tivemos destaque para os responsáveis pelo viveiro, Kim e Antonio, que tiveram falas sobre o que desenvolvem lá e como são os processos.



Visitamos também o plantio agroflorestal, observando os princípios que vimos na trilha durante a manhã, como cobertura de solo para evitar que o mato cresça, adubar e evitar o uso de veneno, esse plantio já rendeu muitos alimentos para todos e puderam ver ano longo do tempo uma diversidade e abundância de alimentos que complementam o cardápio da fazenda. Ainda foi possível colher alguns abacaxis e pimentas.



A última atividade do dia foi a avaliação, onde cada pessoa falou como se sentiu durante o dia, cada um destacou uma coisa que aprendeu, o que foi bom e o que pode melhorar, colocando alguma proposta. Juntamos aqui algumas falas: “Me senti bem, Aprendi muito, Gostei do desenho, Gostei muito do filtro de bananeira, Estou muito feliz porque é um sonho realizado e eu vi esse programa crescer, Gostei bastante da dinâmica da ilha, Na dinâmica da ilha foi ruim ver os outros grupos tristes e outros com ganância de pegar tudo, Que tal ter mais oportunidades?, Poderia ter mais vezes esse dia para os funcionários, Ter mais oportunidades de aprender mais, Foi maravilhoso, A dinâmica da ilha me chamou a atenção, Aprendi muito hoje ao observar o trabalho de vocês e ver o que podemos fazer pelo outro, Gostei de passear na floresta porque o tempo vai passando e a gente não vai passear na floresta, Foi um dia de aprendizagem, Confiança no outro, O desenho foi importante de ver que em grupo precisa se unir, Os chefes

poderiam valorizar mais os funcionários por que vem cada pedrada que a gente não merece,”. E os educadores falaram: “Que tal reunir todos os funcionários que não participaram hoje, No começo estava nervoso por que não sabia se vocês iriam gostar do que planejamos, O que eu mais gostei foi da participação ativa de todas as pessoas, Aprendi que amendoim é uma raiz, Poderia ter mais tempo, não foi o suficiente para tudo que poderia ser feito, podem ter mais oportunidades”. A frase que iria ecoar nos próximos dias do PEA foi a frase do Gigante: “Se toda aula fosse assim, eu já tava na faculdade faz tempo!”. E outra frase que ficou bem forte, do Sr. Maurício: “Vocês vem aqui para mostrar o nosso trabalho”.

Ficou uma percepção de que eles se sentiram valorizados e que foi importantíssimo para cada um deles, principalmente para a Alaíde, que se emocionou na avaliação dizendo que foi a realização de um sonho e que viu esse programa crescer. Poder sair da cozinha e se nutrir com conhecimentos diversos, foi emocionante.



Além desse dia, ainda tivemos mais dois dias de programação noturna para os funcionários, com sessão de cinema na terça-feira com o filme O Poema Imperfeito, seguido de debate e na quinta-feira os filmes Rios Voadores, Life in Syntropy e A Resposta da Terra. Nesse mesmo dia a pesquisadora Raíssa Sepúlveda apresentou a pesquisa sobre primatas e explicou sobre o processo de inserção de turismo a partir dos resultados da pesquisa, traçando roteiros e trilhas a partir da rota que os macacos fazem e como eles ajudam a dispersar sementes, contribuindo para a manutenção da vegetação nativa, e então mostrou-se mais uma possibilidade de geração de renda por meio da valorização da biodiversidade.

Fotos: Micheli Sierra

17 de outubro - Escola Estadual Sidney César Furh (Cotriguaçu)

Compareceram 31 estudantes, 2 professoras, 1 motorista e 1 babá da filha da professora, que está ainda amamentando. Total: 35 pessoas

Fizemos a programação padrão que foi aperfeiçoada ao longo dos últimos anos e foi desenvolvida com todas as escolas, variando apenas a ordem das atividades, de acordo com a variação climática de cada dia.

8:30	Café, crachá
9:00	Apresentação e fala sobre Bens Comuns
9:30	Trilha
12:00	Almoço
12:30	Artevidade individual, pintura daquilo que mais chamou a atenção no dia
13:00	Círculo de bananeiras
13:15	Dinâmica das gerações
14:00	Viveiro e visão dos trabalhos feitos na FSN, APPs, RPPN e Poço de Carbono
14:30	Visita na horta, Sistema Agroflorestal e plantio de mudas
15:25	Roda de avaliação
15:40	Lanche
16:00	Saída

Na roda de apresentação, cada pessoa falou o nome, cidade onde nasceu e o que pensa ser um Bem Comum: Amizade, cuidar da natureza, cuidar das nascentes, amor, preservar a natureza, cuidar dos animais, algo que todos podem usar.





Nesse dia tivemos a sorte de encontrar esse Jabuti, próximo ao leito do Rio Juruena, na parte de cima da prainha. Observar um animal silvestre no seu habitat natural é algo raro e de extrema beleza.



No momento de artevidade todos participaram, inclusive as professoras, hora de colocar em formas e cores a memória do que viram até o momento. O que mais chamou minha atenção na trilha?



No plantio agroflorestal vimos como se planta uma floresta de alimentos e observamos os princípios que vimos na trilha da manhã, cobertura vegetal, sucessão de espécies, estratos com árvores de alturas diferentes, diversidade e abundância.



Após plantar mudas de pimenta, berinjela e cenoura, observamos a irrigação por gotejamento ser ligada.

18 de outubro - Escola Estadual Benício Trettel (Cotriguaçu)

Vieram 30 estudantes, 3 professores e 1 motorista. Total: 34 pessoas.



Nesse dia choveu, então tivemos que trocar o horário da programação e fazer mais atividades dentro do auditório. Dedicamos mais tempo para a apresentação e plenária sobre Bens Comuns: Amizade, família, carinho, viver a vida, brincar com os amigos, futebol, campo de futebol, amor, água, praças públicas, parques nacionais, Unidades de Conservação.

8:30	Café
9:00	Crachás, Apresentação e conversa sobre Bens Comuns em duplas e plenárias
9:40	Vídeo Natureza Sabe Tudo – Florestas Tropicais
10:10	Dinâmica Teia da Vida
10:40	Círculo de Bananeiras e Viveiro
11:45	Sistema agroflorestal, horta, composteira e plantio de mudas
12:20	Almoço
13:00	Artevidade individual sobre o que mais chamou a atenção no dia
14:30	Trilha
15:00	Avaliação na trilha
15:15	Lanche



Aproveitamos o tempo chuvoso para fazer mais dinâmicas dentro do auditório. A Teia da Vida, onde colocamos cada pessoa representando elementos e seres do ecossistema e podemos observar a relação de interdependência entre eles, ao ver os participantes conectados a um barbante. A observação e debate sobre cada alteração nas conexões, permitem que percebam a importância singular de cada elemento da natureza.



Conhecendo de perto o círculo de bananeiras com o sistema de reuso de água da cozinha, cerca de 5.000 litros por dia.

19 de outubro – Escola Maria da Gloria Vargas Uchôa

25 estudantes, 3 professores e 1 motorista. Total: 29 pessoas

8:30	Apresentação e crachá
9:30	Trilha e mandala de tesouros
11:45	Vídeo Natureza Sabe Tudo – Florestas Tropicais
12:15	Almoço
12:45	Artevidade
13:15	Círculo bananeira e Viveiro
14:15	Gerações
14:45	Agrofloresta, Horta e Composteira
15:00	Avaliação
15:15	Lanche
15:30	Saída

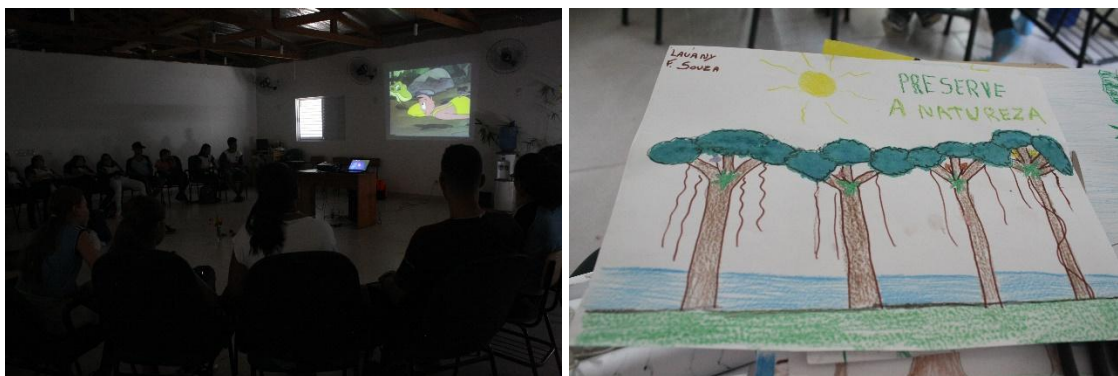
A apresentação foi simples e trouxeram as seguintes falas sobre os Bens Comuns: Campo de futebol, ser livre para fazer o que quiser, amizade, família, jogar bola, paz e amor, aquilo que é de todos e todos devem cuidar, praças da cidade, quadra de handball, ser feliz, um pé de manga que todos podem comer e todos precisam cuidar dele.



Muitos aprendizados na trilha, coletamos os tesouros e fizemos uma roda sobre os saberes compartilhados, crianças que já tinham visitado, disseram estar com saudades da grande árvore “Cachimbeira”, árvore avó da floresta.



Tivemos sessão de cinema com debate e desenhos que retrataram a dinâmica da floresta e o Rio Juruena.



Na horta, o Sr Maurício explicou como tem cultivado alimentos seguros, e diversos, sem veneno.



Plantio agroflorestal e composteira, plantamos mais verduras e legumes para o consumo das pessoas da FSN.



No final do dia, na avaliação destacamos alguns aprendizados trazidos pelas pessoas: “Eu aprendi que o ser humano pode ajudar a natureza, replantando, e não só destruir”, “Aprendi que a seringueira é melhor para produzir borracha, e não usar o petróleo, por que tem vazamento nos mares”, “As árvores se comunicam pelas raízes, quando alguma árvore precisa de alguma coisa, elas se comunicam pelas raízes”, “Na trilha conhecemos muitas coisas boas, aprendemos que devemos preservar a natureza e falar baixo, porque moram vários tipos de seres vivos”, “Os animais ajudam as plantas a crescerem”.

Fotos: Lótus Reuben e Micheli Sierra

20 de outubro – Terra Indígena Escondido, Aldeia Babaçuzal, Etnia Rikbaktsá



Tínhamos feito uma programação, mas ao chegar na aldeia, o tempo foi mostrando que tinha outro ritmo por lá. O caminho foi guiado pela Veridiana e pelo Saulo e passamos por um lugar seco que já foi rio um dia, por muitas carretas com toras gigantes de madeira e por um manejo, esse bem próximo da TI Escondido.



Avistamos as casas de madeira e fomos desvendando aos poucos. O cacique nos recebeu

logo o grupo se dividiu. Algumas pessoas ficaram preparando o almoço, e outras foram treinar o arco e flecha.

A equipe do PEA convidou mais pessoas da FSN para irem junto, foram duas pesquisadoras, dois estagiários e o gerente da Fazenda, Alan Bernardes.

Ter apresentado teatro para esse grupo de pessoas gerou uma alegria enorme, tanto para quem assistiu, quanto para quem apresentou. Sentimos uma conexão muito forte por meio da arte e transpassamos as barreiras culturais, gerando a integração e aproximação desejada. Eles apresentaram sua dança ritualística com todo esforço e dedicação, apesar de ter clareza que é um desafio manter a cultura.



O Dokta e o Inácio, os anciões dessa aldeia, mostraram cada um seu papel de guardiões da cultura desse grupo, com as artes elaboradas feitas de penas, o personagem Muribê, a dança e músicas ancestrais e o cuidado uns com os outros.



Sáímos com mais um laço de relação de confiança e abertura para novas parcerias.

Compartilho o texto escrito por Micheli Sierra sobre a T.I. Escondido:

“Eu sinto que todo encontro com uma aldeia é o encontro de uma alma com sua ancestralidade.

Vê-se isso na forma como nos sentimos em casa, acolhidos, cuidados e reconhecemos as pessoas. Mesmo sem nunca tê-las visto.

Os sorrisos são honestos. Quando a piada é ruim ninguém ri e quando menos se espera outra fala é que faz sentido.

As crianças são corajosas. Não têm medo dos bonecos. São espelho dos adultos que as cercam. São queridas e compartilhadas.

Os anciãos são calmos, serenos. Falam baixo. Passam conhecimento com generosidade e alegria. Eram os mais interessados no teatro. Foram criança.

As mulheres são sérias. Difíceis de se arrancar sorrisos. Guardiãs dos cuidados e dos artesanatos finos. Verdadeiras joias. São fortes.

O plantio integra. Homem, mulher, natureza, criança e bicho. Tem pra todos. É pra todos.

Na dança as crianças são incluídas no processo. Os cocares exuberantes, as delicadas joias da floresta revelam sintonia apurada. Sabem que é importante manter a vida viva.

Não bastando tanta novidade para os olhos, eis que nos apresentam MURIBE. Espírito da floresta que se manifesta num brincante. Os cães latem com estranheza. MURIBE se esconde, mexe, corre, amedronta, faz rir e vai embora. Deixando apenas a egrégora do riso no ar. Me vi em MURIBE.

O caminho até lá fala de fragilidade. No limite de uma área particular de manejo florestal, um percurso rasgado pela fome de dinheiro. Logo à frente uma porteira. Um portal. Dentro da aldeia se esquece tudo o que se vê lá fora.

Quanta beleza. Quanta fragilidade. Quanta resistência!

O dia na aldeia foi cheio. Não fomos para pernoitar, apesar do convite. Que pena. Foi bom (re)conhecer esse povo que carrego em mim agora e antes.”



22 de outubro Escola Pequeno Cidadão – Teatro



Apresentamos o espetáculo “A Benzeção da Terra” para 100 crianças e cerca de 15 funcionárias e professoras.

Buscamos mudas de Camu camu no viveiro municipal de Cotriguaçu e fizemos a distribuição de mudas para todas as pessoas, na saída da escola.

Foi o público mais jovem que atendemos na história do PEA, tinham crianças de 2 a 7 anos, e receberam muito bem o que levamos, o sucesso entre eles foi a Siriema, boneco grande que interage com eles. No momento de “montar” um canteiro agroflorestal com pessoas da plateia, também houve muita participação, todos eles queriam fazer parte representando uma planta.

23 de outubro Escola Sete de Setembro - Agrovila

28 crianças, 2 professoras, 1 motorista

As crianças que vem de assentamentos e da zona rural tem uma participação claramente diferente daquelas que vem da cidade. Muito atentas a tudo e com maior interação entre elas, o ambiente e os educadores. Parecem ter maior abertura ao novo, curiosidade e concentração bem fortes.

Sobre os Bens Comuns, eles trouxeram as seguintes ideias: Amor, amizade, oxigênio, florestas, animais.

Nesse dia tivemos a oportunidade de avistar um bando enorme de macacos barrigudos e em seguida um bando de pesquisadores de besouros e borboletas. As crianças estavam em completo silêncio, foi a turma que conseguiu estar mais atenta e mais silenciosa durante todo o percurso da trilha, e então até se assustaram com o movimento dos pesquisadores achando que era um bando de porcos do mato. Quando

então ouviram as vozes humanas, e os pesquisadores foram aparecendo com apetrechos como redes de caçar borboletas, vários potinhos e papéis, foi possível escutar sobre a pesquisa e como são os procedimentos de coleta. Vimos também as armadilhas deixadas ao longo da trilha. Mesmo com as explicações da relevância científica que tem esse tipo de pesquisa, as crianças ficaram inconformadas com o fato de que para pesquisar os insetos, eles tem que estar mortos. Ao longo do dia tivemos outras falas sobre o assunto para poder contornar esse conceito e somente no momento final do dia, eles entenderam que assim pode-se criar um local de consulta para futuras pesquisas e então poupar trabalho e a vida de outros insetos e preservar a floresta.



No final da trilha sempre fazemos a roda para colocar os tesouros que encontramos na trilha, o maior tesouro, ressaltamos na nossa fala, é o conhecimento. Então cada pessoa pega algo que encontra pelo chão e que lembra algo que aprendeu.

O dia seguiu leve e as crianças foram muito carinhosas e cuidadosas, umas com as outras e com os educadores.



Fotos: Micheli Sierra

24 de outubro Escola Santa Maria

31 crianças, 2 professoras, 1 motorista e 1 enfermeira

Trouxeram na fala sobre Bens Comuns: A natureza, o ar, as árvores, liberdade, paz, amor, posto de saúde, hospital, os animais, floresta, respeito à diversidade, escola.

Na trilha vimos um grupo de macacos barrigudos, um jacaré, ninhos nas pedras, pegadas de jaguatirica e capivara.



Teve uma estudante que chegou passando mal, melhorou e quis ir para a trilha, não se sentiu bem novamente no meio da trilha e a Micheli voltou com ela para esperar no ônibus, durante a tarde ela ficou dormindo.



Super se interessaram pelo biofiltro, e dessa vez mostramos o desenho antes. Explicar a teoria e depois ver funcionando, foi ótimo!

As crianças já tinham vindo com uma outra escola em 2017 (escola Paulo Freire que agora abriga a Associação Pestalozzi), e marcaram certinho onde tinham plantado as mudas e foram direto lá: “Foi no 6º pau da cerca! Olha como cresceu”. Aqui abaixo registramos o momento em que os meninos posaram para foto ao lado das mudas que plantaram e um ano depois já estão mais altas do que eles.



25 de outubro Escola José Luiz Cândido – Japurana

Bens Comuns: Saúde de todas as famílias, árvores, todos os seres vivos, respeito, pé de fruta cheio de fruta onde todos podem comer e cuidar, florestas, nascentes, família.





Avaliação final da equipe – Lótus, Micheli, Saulo e Veridiana

Atingimos as metas:

- Atender 7 escolas
- Apresentar teatro em 1 escola (Apresentamos também na TI Escondido)
- Atender os colaboradores durante um dia inteiro
- Fazer intercâmbio com a Aldeia Babaçuzal na TI Escondido.
- Abordar o assunto das RPPNs e Unidades de Conservação (UCs)

Atendemos as turmas de 6 **escolas** na FSN e mantivemos um ritmo de atividades sequenciais que foram complementares e que fez com que o tempo passasse rápido, aprendendo uns com os outros. Professores que compareceram em outros anos dizem que sempre estamos renovando e aprimorando, que sempre tem algo novo para aprender. Nas avaliações que as professoras preencheram havia um espaço para Sugestões e comentários que estão aqui a seguir:

Que tenha palestras nas escolas -3

Ter a Educação Ambiental mais vezes a - 1

A equipe orienta e explica muito bem e superou as expectativas - 4

Que o projeto continue a ser aplicado -1

Que o projeto possa chegar a vários municípios do nosso estado -1

Que o passeio seja estendido para dois dias na FSN - 2

Poderia avaliar os educadores separadamente, banhar e ter tempo de descanso -1

Recebemos feedbacks positivos de todas as pessoas que participaram das visitas guiadas na FSN, professores e estudantes disseram que se sentiram bem durante o dia e que aprenderam muito, elogiaram a comida, a Fazenda e agradeceram pelo jeito que foram tratados por todos.

Foi muito importante apresentar **teatro** para os pequenos e para as professoras e abrir mais esse canal de comunicação com mais essa escola atendida, a Pequeno Cidadão.

Sobre o trabalho com os **colaboradores**, vemos que tem uma relevância ímpar, no sentido de ampliar o horizonte das pessoas que trabalham diretamente nos projetos desenvolvidos na Fazenda São Nicolau. Ao entender melhor o que é feito, as pessoas se envolvem mais, integram-se mais e sentem-se valorizadas, como foi expressado nas falas de avaliação final do dia. Foi divertido e construímos conhecimento em grupo, mudamos alguns paradigmas e valorizamos o trabalho uns dos outros.

Na **aldeia indígena** estreitamos os laços com as lideranças, os anciãos e fizemos um intercâmbio cultural. Concluimos que o apoio da ONF na produção de café seria um bom investimento, para que possa existir um apoio que fortaleça o modo indígena de cultivo, sem veneno, e respeitando seus conhecimentos prévios desenvolvidos há milênios. Eles estão animados para plantar e já fizeram horta consorciada com galinhas caipiras, estão em vias de comprar mais galinhas. A secretaria municipal de agricultura tem apoiado a produção de café, mas com uso de veneno, e assim rompendo com um modo de fazer que é característico dos indígenas Rikbaktsá. Vemos que o mapa do território, feito com auxílio do ICV a partir do conhecimento das pessoas da TI, contempla áreas onde tem árvores com potencial extrativista e áreas de conflito e os orienta na definição dos objetivos da comunidade.

Existe a sugestão para estreitar a parceria com a Associação de Coletores de Castanhas do PA Juruena.

Avaliamos que o objetivo da visita na Aldeia Babaçuzal, foi atingido. Os próximos passos podem ser bem planejados para qualquer ação que se pretenda fazer lá.

No viveiro falamos de sequestro de carbono, das UCs e da **RPPN** da FSN, o conceito de RPPN é muito complexo e ainda é difícil do público entender completamente. Falamos também sobre a Integração Local e o funcionamento do PEA e mostramos os vídeos produzidos em 2014 e em 2017, tanto para as crianças, como para os colaboradores.

Avanços do PEA 2018

Um dia inteiro com os colaboradores, gerou maior clareza sobre os projetos da FSN.

Intercâmbio com o povo Rikbaktsá.

Círculo de bananeiras está reutilizando cerca de 5.000 litros de água que são consumidos diariamente, pode ser ainda reduzido o gasto de água, economizando.

Teatro na escola Pequeno Cidadão.

Composteira estava parada, vai mudar de lugar, vai ser construída perto do bambuzal.

As mudas que foram plantadas tem a tendência de se desenvolver melhor, pois é uma boa época para plantar, pegando o início da época das chuvas.

Fala da Veridiana: “A Avaliação que eu tive de todo o PEA, não é somente um programa, já se tornou na região um costume nas escolas, as crianças já esperam a data ansiosas ou capricha para chegar logo no quarto ano, que é a série escolhida para participar. Com isso mais pessoas são formadas para respeitar e proteger este bem tão precioso que é a natureza. Teatro, sem palavras! Sou fã (kkkkk), mais um privilégio que este programa me oportunizou nos 35 anos assistir a primeira peça de teatro, sem preço, sem palavras. Plantio: é uma forma de fazer floresta comendo, economizando e educando, preparando a nossa ilha Terra para as futuras gerações, fazer parte dessa equipe só me enriquece”, “Já estou com saudade, momentos como este são muito importantes para o crescimento pessoal e cultural de todos os que tem a oportunidade de participar do PEA. A fala do GIGANTE e da ALAIDE fizeram valer a pena cada dia do programa. Que mais dias como este aconteça para transformar nossa realidade”.

Próximos passos

- Separar montes de composto em diferentes etapas para fim didático durante o PEA.
- Plantio de 250 mudas frutíferas para distribuição e plantio durante o PEA.
- Ir até a escola dos pequenos fazer atividade de plantio e vivências sensoriais.
- Ter mais dias de Educação Ambiental com os colaboradores, envolver mais participantes.
- Trazer as crianças para a FSN acima de 10 anos, com o critério de ainda não ter participado em anos anteriores, algumas escolas continuam selecionando “melhores” estudantes e acabam vindo participantes que já vieram.
- Fazer teatro na FSN para colaboradores e familiares.
- Incluir os indígenas em um dia de Educação Ambiental, apresentar os projetos da FSN.
- Entregar mudas para cada participante, precisa planejar com antecedência de acordo com o ritmo do viveiro, serão 180 mudas em média.

- Proposta de fazer o PEA com a mesma equipe, que está construindo uma formação continuada a cada edição do PEA e bem alinhada com eficiência e harmonia, a sugestão é que seja em duas semanas em outubro. Chegar dois dias antes na FSN.
- As atividades do PEA precisam continuar a acontecer na FSN.

Ideias para desenvolver e verificar viabilidade

- Dependendo da turma, seria interessante visitar os plantios de café agroflorestal
- Ter dois dias de Educação Ambiental para as mulheres do PA
- Apresentar teatro em mais escolas
- Apresentar teatro para os colaboradores na FSN
- Oficina de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) “Do Mato ao Prato”
- Envolver mulheres do PA em oficinas
- Convidar a Alaíde para dar uma oficina
- Fazer um curso de Sistemas Agroflorestais de 1 ou 2 dias e complementar com atividades no período noturno distribuído em vários dias do PEA. Curso para os funcionários e família dos funcionários. Poderia ser num final de semana para não atrapalhar o ritmo da FSN.
- Retomar o jogo Tapetão ecológico, fazer fichas e complementar o jogo
- Trazer tintas naturais, decalque de folhas, bonecos e brinquedos com materiais da natureza, ver o livro Barangandão Natureza.
- Incluir o grupo de escoteiros de Cotriguaçu, Desbravadores
- Incluir mais uma escola de Japuranã

Questões a serem respondidas

? Como garantir a contrapartida da Escola Sidney César e outras escolas?

? Como envolver os professores e diretores para dar continuidade nas ações feitas junto com as crianças? Exemplo: Oficinas agroflorestais nas escolas de Cotriguaçu, e aprendizados durante o PEA.

? Como podemos construir uma formação de professores multiplicadores de Educação Ambiental nas escolas?

Oferecer curso com foco em ferramentas pedagógicas e conceitos. Critérios para participação: Ser efetivo, fazer parte das escolas, querer participar.

Materiais que sobraram na Fazenda para 2019.

26 pincéis

Lápis de cor

6 folhas de papel semente

8 cartolinas

2 potes de tinta branca

2 potes de tinta vermelha

1 pote de tinta rosa escuro

1 pote de tinta roxa

½ pote de tinta marrom

½ pote de tinta verde

1 pote de tinta amarela

3 tesouras grandes

1 resma de papel reciclado A4

1 barbante 150m

2 furador de papel

7 canetões azul

6 canetões pretos

Comprar

14 pincéis

Giz de cera

Canetas hidrocor coloridas

Tintas naturais

